
UM ROMANCE SYMBOLISTA

A « GIOVANNINA » DO SR. AFFONSO CELSO

II

Fez-se já sentir entre nós a influencia da nova escola—si escola é possível chamar-lhe.

No Brazil, porém, o symbolismo é um facto de imitação intencional e, em muitos casos, desintelligente. Absolutamente não corresponde a um movimento de reacção mystica ou sensualista, individualista ou socialista, anarchista, nihilista e até classica como na Europa; um movimento em summa que é já a resultante de um lado da revolta contra a organização social, provada incapaz de satisfazer ás legítimas aspirações e necessidades do individuo, de outro do esgotamento do naturalismo e do parnasianismo.

Entregaram-se a elle, sem quasi o conhecerem nos seus motivos e nas suas obras, alguns espiritos em sua maioria impotentes, sem originalidade nem vigor, alguns talvez com talento, mas sem intelligencia, quasi todos sem nenhuma instrucção ou cultura litteraria. Não conhecendo alguns sequer o francez, a sua iniciação se fez através dos nephelibatas portuguezes, que são de facto os mestres do symbolismo brasileiro. Até hoje não tinha elle produzido nada de mencionavel. Um movimento esthetico, como elle pretende ser,

sómente se affirma por obras que quando não se façam estimar e admirar, forcem ao menos a consideração. Por ora não produzira sinão versos soltos, artigos e fantasias esparsas, tão vãos de fundo quão extravagantes de fórma, em ephemerous periodicos de titulos charlatanescos. Dois factos principaes resaltam da sua obra publicada, o primeiro e mais curioso é a ignorancia em que parece estão do movimento esthetico de que se fizeram aqui coripheus, o segundo é que delle apenas apanharam, sobretudo na poesia, as exterioridades faceis da fórma, sem penetrar quer a essencia do que chamarei, á falta de melhor termo, a esthetica symbolista, quer a substancia da sua maneira de expressão.

O estudo das poucas e desvaliosas producções dos que, com o appellido de « novos » se pretendem representantes entre nós das novas correntes literarias, sobejamente o prova. O Sr. B. Lopes, que parece por elles proprios o melhormente reputado dos seus poetas, não é, como já tive occasião de mostrar,¹ um symbolista, mas apenas um poeta de curto folego, que poetando ha dezeseis annos pelo menos jámais achou o seu caminho, imitando alternadamente os lyricos brasileiros do segundo periodo romantico, depois os parnasianos e sobretudo Gonçalves Crespo, de quem fez verdadeiros *pastiches* e por ultimo o Guerra Junqueiro dos *Simples* e os *nephelibatas* portuguezes. Si o symbolismo é, como quer o Sr. Brunetière, a reintegração da idéa na poesia, o Sr. B. Lopes não póde absolutamente pretender ao titulo de symbolista, pois não ha descobrir na sua vislumbre de idéa. E' tudo o que o parnasianismo decadente, de envolta com affectada simplicidade posta em moda pelo Sr. Junqueiro e confrades, tem de mais vasio della. Não póde tambem, e pela mesma razão pretender esse titulo o Sr. Cruz e Souza. O seu livro de verso *Broqueis*, é apenas de um parnasiano que leu Verlaine, sem possuir deste, em grau algum, nem a facilidade de idealização poetica, nem a sinceridade da emoção artistica, nem a sciencia innata da lingua, nem a plasticidade das fórmas metricas. Não ha nessa reunião de poemas, na maioria sonetos, nada, sinão talvez a intenção gorada, que a faça classificar na poesia symbolista. São uma imitação falha de Beaudelaire, modificado pelo poeta das *Fêtes galantes*. E a falta de

¹ Veja *Revista* de 1 de novembro de 95.

emoção real é acaso o traço característico desses versos, tal que surpreende. O livro de prosa do mesmo escriptor, *Missal* tem ainda menos valor que os *Broqueis*. E' um amontoado de palavras, que dir-se-iam tiradas do acaso, como papelinhos de sortes, e collocadas umas após outras na ordem em que vão saindo, com raro desdem da lingua, da grammatica e superabundante uso de maiusculas. Uma ingenua presumpção, nenhum pudor em elogiar-se e sobretudo nenhuma comprehensão, ou siquer intuição, do movimento artistico que pretende seguir, completam a impressão que deixa este livro em que as palavras servem para não dizer nada. O mallogrado Sr. Adolpho Caminha, a quem sobrava talento, mas a quem escaceava em grau não commum o senso critico, tinha-se feito ou fôra feito ultimamente o chefe dos «novos». Por uma singular aberração, que é a mais eloquente prova de quanto acerto asseverando que os nossos «novos» não comprehendem o movimento que dizem seguir, o Sr. Adolpho Caminha, foi toda a vida um naturalista, isto é, pertenceu a escola contra a qual, como ninguem ignora sinão elles, principalmente se fez aquelle movimento. O seu ultimo livro *Bom Creoulo*, publicado quando já os nossos symbolistas, decadistas, nephelibatas, mysticos e quejandos, agrupavam-se em torno delle, é feito consoante os moldes de mais puro zolismo. Este facto sómente basta para mostrar o desconcerto que vai entre elles, a incoherencia das suas idéas, o indeciso e o inconsistente da sua esthetica.

A razão deste phenomeno um psychologo facilmente a acharia na falta de sinceridade que distingue o nosso symbolismo. Entre nós, com effeito, esse movimento, si não é demais chamar assim a manifestações sem alcance e sem obras, não corresponde a um estado d'alma, que por sua vez seja effeito de um estado social. E' um mero producto de imitação. Ignorando, como já disse e creio haver provado, as proprias origens e razões que porventura o legitimam, os seus fundamentos estheticos e sociaes, permaneceu aqui, mais que em parte alguma, apenas uma fórmula esteril e manca de snobismo, sem haver produzido nada que de longe siquer se possa comparar a obra em prosa e verso dos «novos» portuguezes: Eugenio de Castro, Alberto de Oliveira, Antonio Nobre, rebaixando assim, o que deve magoar os «patriotas» literarios, o nosso brilhante lyrismo, a essa poesia pobre e pallida que é a sua.

O symbolismo, como todo movimento esthetico, liga-se ao passado. E' a Ronsard e a outros membros da «pleiade», que se fazem remontar os symbolistas francezes; como o movimento esthetico inglez fez-se pelo preraphaelismo, isto é, pela admiração e estudo dos predecessores de Raphael, os ingenuos primitivos, Fra Angelico, Boticelli e outros. O nosso, porém, se não liga a coisa alguma, sem ter por isso o merito da originalidade — si a originalidade fosse possivel — pois copia e imita desageitadamente os francezes e portuguezes. Estes foram buscar nos velhos modelos do periodo ingenuo da sua literatura, inspirações de fórmias e idéas e no estudo da metrica dos poetas dos cancioneiros e dos lyricos quinhentistas, de Sá de Miranda, de Camões, de Quita e de outros menores, acharam elementos para remodelar e renovar a fórmula poetica que os naturalistas e parnasianos haviam, sem embargo da rara perfeição que lhe deram, tornado monotona. Por igual na prosa dos primitivos, como Bernardim Ribeiro, e de algumas obras de Garrett, nalgumas das suas paginas mais simples, mais ingenuas, mais limpidas, hauriu o symbolismo portuguez a essencia com que Eugenio de Castro escreveu essa admiravel *Belkiss* e Alberto de Oliveira *Palavras loucas*. Entre nós, nada disso. Os nossos «novos», ignorando por completo a nossa historia literaria, sem nenhum sentimento da tradição esthetica nacional, não puderam ir ás fontes onde, sem quebra desta, retemperar e remodelar as nossas fórmias artisticas, enriquecendo o nosso patrimonio literario de novas idéas e concepções. Os nephelibatas puros achariam, talvez, não muito longe, sinão mestres com quem aprender, pelo menos antecessores que lhes legitimassem a prosapia, os Srs. Joaquim de Souza Andrade, em cujos livros *Gueza Errante* e *Harpas Selvagens* não faltam trechos com todos os caracteristicos da escola e o Sr. Luiz Delphino, que é acaso o mestre do orientalismo de pacotilha e do frasear pomposo e vasio daquelles poetas.

Mas não foi só nos que se arreiam com a alcunha de «novos», e disso fazem praça, que influiram as novas correntes literarias. O seu influxo, prova da sua legitimidade, aqui, como em outros paizes, estendeu-se em geral a toda a literatura, ou, pelo menos, a toda a poesia, pois propriamente o symbolismo é antes uma reacção poetica. A nossa poesia, como a nossa ficção em prosa, em mais de um escriptor, se resente d'elle. A mais perfeita e cabal manifestação

do mysticismo nos nossos jovens poetas, que vivem fóra daquelle cenaculo, é o Sr. Affonso de Guimarães. Este é realmente um poeta e si, como aconteceu em Portugal com Eugenio de Castro, elle se desembaraçar dos exageros e extravagancias fataes em todo movimento de reacção como é o symbolismo, a poesia brasileira poderá ter nelle um digno cultor. E' evidente no Sr. Raymundo Corrêa, como nos Srs. Guimarães Passos e Mucio Teixeira, a influencia do symbolismo; della vêm cheios os ultimos versos daquelle e a ella se pôde attribuir tambem o seu formoso conto *Flor de Lotus*, nesta *Revista* publicado. ¹ No estylo intencionalmente mystico do Sr. Coelho Netto, em certas das suas creações em que esta tendencia se casa com os elementos realistas do seu temperamento, é tambem facil descobri-la. Ella acaba de se fazer sentir no Sr. Affonso Celso e a sua manifestação é *Giovannina*.

III

Não sei, entretanto, si no Sr. Affonso Celso esta manifestação do symbolismo não será antes um facto de vontade reflectida que o resultado da influencia natural e por assim dizer inconsciente de novas fórmulas estheticas. Aquella hypothese parece-me, entretanto, a mais provavel, e a declaração posta em nota ao seu livro de que elle era «timido ensaio symbolista» é de molde a comproval-a. Sem se haver podido crear, como o Sr. Machado de Assis e o Sr. Tauxay, na *Innocencia*, uma maneira sua e original, que resentindo-se de varias influencias em grau que não destroe a individualidade do artista, conservasse intacta a sua personalidade, o Sr. Affonso Celso, tem fluctuado entre a literatura pessoal sentimentalista (*Notas e Ficções, Lupe, Minha Filha*) e o naturalismo numa forma temperada (*O Invejado*). Qual a razão deste facto, num homem de verdadeiro talento como o Sr. Affonso Celso? E', a meu vêr, que o temperamento do Sr. Affonso Celso não é, em rigor, literario. O autor da *Giovannina* é sem duvida um poeta e as *Rimas de Outr'ora* o

¹ Fasciculo de 15 de outubro de 1895. Veja-se do mesmo poeta *Plenilunio*, na *Revista* de 1 de outubro de 1896.

comprovam; mas o poeta não precisa de temperamento literario, sendo a poesia uma fôrma natural de expressão em certos individuos. A arte mesma, no seu verdadeiro sentido, lhes é desnecessaria; quando muito lhes póde servir para realçar e fazer valer os dotes naturaes. Nenhuma arte poetica fez jamais um poeta. Com o estro poetico o que ha principalmente no Sr. Affonso Celso é o temperamento politico que estua em toda a sua obra e domina toda ella. A literatura propriamente foi para elle um *pis aller*, um derivativo forçado de energias intellectuaes que, pago o tributo á inspiração poetica, tinham tomado outra direcção, da qual só circumstancias mais fortes que a sua inclinação e a sua vontade o fizeram sair. D'ahi a desigualdade da sua obra literaria, na qual frequentemente o artista cede o passo ou melhor a palavra ao politico, com o seu estylo e as suas paixões.¹ Este defeito, que aliás dá a sua obra um sabor picante de actualidade, lhe prejudica, não ha negar o valor literario. A *Giovannina* affigura-se-me uma variação mais da intelligencia curiosa e activa do Sr. Affonso Celso, no dominio da literatura. É verdadeiramente a obra de um diletante e de um curioso, que experimenta a sua capacidade em uma fôrma nova da arte, não a de um devoto convencido della. E a prova do que deixo dito acima é a nota final, a que já me referi, que lhe poz o autor. Escrevendo uma pura obra, d'arte, como um puro artista — e nisto não vai em mim contradicção com a rejeição da theoria da arte pela arte — o Sr. Affonso Celso, estou eu, não lhe poria aquella nota, não viria declarar-nos que si conjecturasse que as relações do Brazil com a Italia fossem estremecidas, não a haveria acaso escripto, nem duvidar da oportunidade da sua publicação, nem fazer protestos de patriota ou expor a sua opinião sobre a immigração e os seus beneficios. A sua obra, tão generosamente inspirada, a escreveria e publicaria sem preocupações de momento e mesmo sem o fim pratico, vulgar, de «propagar pelos meios suggestivos da arte», a convicção de que «a prosperidade e a gloria do Brazil dependem da fusão dos bons elementos indigenas com outros bons elementos vindos de fóra, preponderando os primeiros, porém sendo indispensaveis os segundos».

¹ Veja especialmente em *Lupe* a descripção do Brazil sob o imperio, no *Invejado* o quadro do «13 de maio». Os exemplos, aliás, podiam ser multiplicados, mesmo em *Minha Filha* os ha.

O assumpto é mais para uma memoria de economia politica, que para uma obra d'arte. E só o facto deste objectivo declarado, poria *Giovannina* fóra do symbolismo, si o não fizessem a propria concepção e realização desse « romance dialogado » como o appellida uma epigraphe explicativa do editor.

Qualquer que seja, com effeito, a definição que do symbolismo aceitemos, a do Sr. F. Brunetière ou a do Sr. Remy de Gourmont atrás citadas ou a do Sr. Faguet que « o symbolismo consiste em sob o involucro material descobrir o conteúdo idéal », ao contrario da allegoria que « parte de uma idéa abstracta que reveste depois laboriosamente de uma fórmula concreta », em nenhuma dellas cabe verdadeiramente a nova criação do Sr. Affonso Celso. *Giovannina* é confessadamente um romance de these e, si quizerem, uma allegoria, pois que ha nelle uma idéa abstracta — a vantagem da fusão das raças no Brazil — exposta sob a fórmula de uma historia romanesca. O symbolo é uma especie ou uma fórmula de allegoria, mas uma allegoria sem intenção didactica ou logica, como conceitua um critico, e pôde ser verificado nas obras que melhormente representam a escola. A intenção didactica é não só evidente em *Giovannina* mas declarada pelo seu autor. Nem creio que o Sr. Affonso Celso se ache na disposição de espirito necessaria para escrever com successo uma obra verdadeiramente symbolista. Já mostrei os varios factores, sociaes e estheticos, dessa nova corrente literaria, que é uma reacção na ordem das idéas e da sua maneira de expressão. Como pensador, o Sr. Affonso Celso não se acha, penso eu, no estado de espirito que suppõem as tendencias da nova esthetica e, si me não engano completamente, o individualismo mesmo radical, não é dogma da sua philosophia; e como escriptor, como artista, a sua fórmula, apesar do evidente esforço em contrario, permaneceu neste livro a mesma de suas outras producções — sem a plasticidade voluptuosa, o vago, o indefinido harmonioso a querer imitar os effeitos da musica, a simplicidade rebuscada, mas impressionadora afinal de um Moeterlinck, sensual, imprecisa e sobretudo buscando novidade numa construcção especial da frase, as vezes preciosa e atormentada até a obscuridade como em Mallarmé, outras vezes ingenua, affectadamente simples como em Eugenio de Castro, mas que evidentemente não é a prosa dos não symbolistas, nem o seu estylo.

Pela sua propria definição e pelo seu genio, o symbolismo sai da realidade e para que ella o não embarace remonta a lugares e tempos indecisos que lhe favoreçam a realização. Elle se julga incompativel com a trivialidade da vida tal qual a vivemos e vemos viver. De accordo com seu mestre Wagner é por assim dizer fóra do espaço e do tempo que põe as suas ficções.¹ Por haver querido libertar-se deste jugo de escola, e talhar em plena realidade viva e presente uma obra symbolista, só haveria que louvar o Sr. Affonso Celso, si a sua tentativa, já de si gloriosa, não contrariasse a propria esthetica da escola, forçando-o a attender ao caso particular e si no realizal-o, o fizesse de um modo superior, o que não lhe era, por esta mesma razão, possível.

O romance do Sr. Affonso Celso, é eminentemente um romance realista, no melhor e mais justo sentido da palavra. E' um facto da nossa vida, rodeado de outros factos e episodios todos realissimos e alguns cruamente realistas. Si exceptuarmos certas fórmulas de expressão que no dialogo de um romance francamente naturalista poderíamos acoimar de «impropriedades», e exterioridades de fórmula, como o arranjo do dialogo e a descripção dos scenarios á maneira de Moeterlinck, em longas exposições ou descrições, precedendo, interrompendo ou finalizando as scenas, este livro é, não duvido affirmal-o, um dos melhores productos do nosso naturalismo.

Em uma pobre habitação da Alta Italia, vivia lutando com a dureza da vida um familia italiana que ao começar este livro resolve emigrar para o Brazil. O segundo quadro mostra-nos o navio em

¹ O «libreto» da opera *Messidor*, que acaba de ser representada em Paris musica do Sr. Bruneau, um dos jovens mestres da nova escola franceza, é apezar de escripto pelo chefe do naturalismo, Zola, symbolista, o que prova que a influencia dessa esthetica penetra os seus mais rudes adversarios, mas a acção desse drama passa-se em lugar e época indefinidos. Ignoro si a critica alguma vez mostrou o que havia de «symbolismo», tomada esta palavra no seu sentido commum, na obra e no genio do mestre do *Germinal*. Que o seu genio é eminentemente o de um poeta e epico, mostrou-o ha bons dez ou doze annos o Sr. Julio Lamaitre. Aquella feição, porém, não seria difficil descobrir-a nelle, e mais frisantemente em *Lourdes* e mais ainda em *Roma*. Tudo aliás nelle como nos epicos, é uma «representação», e o anthropomorphismo é, por assim dizer, um recurso da sua rhetorica. O drama *Messidor* é symbolista — mas symbolista com um fim pratico como a *Giovannina*, o que o afasta do symbolismo da escola, porém, ao contrario de *Giovannina*, não se passa em plena realidade.

viagem e a chegada. No terceiro vamos encontrar aquella familia, da qual Grovannina é a filha, realmente encantadora e meiga, já numa fazenda de S. Paulo, em pleno trabalho de colheita do café, e o dialogo diz as doçuras da sua vida acolá contrastando com a amargura da que tinham na patria. O filho da fazendeira, João Carlos, gosta de Giovannina, e apparece ali no cafezal a dizer-lhe galanteios. Os pais, percebendo-o, retiram-se da fazenda e vêm para o Rio, onde morrem de febre amarella, deixando Giovannina e o irmão Luigi em pleno abandono. Ella, que amava João Carlos, vendo-se ao desamparo e exposta ás tentativas lubricas de um vendelhão, resolve voltar para o interior, e lembra-se na sua desgraça que João Carlos ao despedir-se della lhe dissera que, além do mais que poderia ella encontrar em toda a parte, na fazenda delle encontraria «um pouco de sincero affecto». E volta e encontra João Carlos só, que lhe tinha morrido a mãe, e, depois de uma luta de sentimentos entre os dois, habilmente pintada e naturalmente conduzida pelo romancista, casam-se, sendo o ultimo quadro, o peor, o unico ruim do livro, o das bodas, de um naturalismo a lembrar, menos a graça, scenas parecidas das caricaturas naturalistas de Camillo Castello Branco. Tal é, rapidamente resumido, o romance do Sr. Affonso Celso.

Evidentemente ha nos oito quadros de *Giovannina*, principalmente no segundo, a viagem dos emigrantes e a chegada ao Rio de Janeiro, impressões da poetica symbolista. Mas a realidade, o particular, dominam e vencem as intenções do escriptor. Esse segundo quadro é bellissimo, rico de côr, de luz, de emoção. Os personagens vivem realmente nelle, mas de uma vida demasiado «natural», si posso dizer assim, para o symbolismo. As suas falas, porém, são ou por demais singulares para um livro naturalista ou por demais chans e triviaes, segundo o criterio da nova escola. E' que as duas tendencias lutam no espirito do autor, vencendo sempre o seu temperamento realista e o seu espirito pratico. De um e outro ha neste mesmo quadro um exemplo frisante: a exposição da vida e vantagens do immigrante no Brazil, do seu regimen de trabalho e dos seus ganhos provaveis, qual o faria uma *Guia do Immigrante*.

De um naturalismo que chega á trivialidade propria dos exaggeros da escola é o quarto quadro da morte dos pais de Giovannina num cortiço do Rio de Janeiro; mas a observação, embora banal e

facil, é ahí segura e os personagens desenhados com intensa verdade. O mesmo se poderia dizer, e já ficou dito do ultimo quadro, o das bodas, mas esse destoando por completo do tom geral da obra, é um defeito imperdoavel nella e si o Sr. Affonso Celso nos dêsse uma nova edição do seu livro, eu tomaria a liberdade de aconselhar-lhe que modificasse esse quadro, que é verdadeiramente um pedaço vivo da nossa vida, mas que discorda da esthetica do seu livro. O quinto quadro tem apenas com o drama que resume uma relação remota. Da familia de Giovannina um irmão, Gualtiero, um anarchista, não quizera acompanhá-la, empenhado na sua propaganda. Assistimos neste quadro a um espectáculo num theatro italiano, e no meio de dialogos que o escriptor com rara arte nos faz ouvir em varios pontos daquella sala de espectáculo, onde se encontra a fina flôr da sociedade com seus multiplos e variados matizes, rebenta uma bomba que mais tarde se descobre fôra lançada por Gualtiero, que a pagou com a vida. Este quadro é de um bello arranjo, de um grande movimento que não lhe destroe a unidade impressionadora. O Sr. Affonso Celso expando no primeiro as opiniões anarchistas de Gualtiero e neste pondo na bocca delle e dos seus companheiros as invectivas do anarchismo contra a organização social, escapou com bom gosto e intelligencia á facil e para um espirito mediocre tentadora vantagem de anathematizá-los, ou desfigural-los desfavoravelmente. Não menos bello é o quadro terceiro, em plena lavoura de café, cortados os dialogos por alguns desses versos tão languidamente amorosos da nossa poesia popular. De todo este livro mais que tudo, destaca-se a figura de Giovannina, que ficará em o nosso romance digna companheira e rival das mais bellas idealizações femininas de José de Alencar.

Em resumo, o Sr. Affonso Celso não escreveu, como quiz, um romance symbolista, e não poderia escrevel-o por se não achar na disposição espiritual necessaria para fazel-o. Mas fez melhor, dando á nossa literatura, tão cançada de banalidades e imitações, uma obra que se destaca na vulgaridade geral, uma obra de idéa, que, defeituosa embora, é uma obra pessoal, cheia de movimento e de vida, que tem, emfim, a rara qualidade de não ser banal.

JOSÉ VERISSIMO